

INVESTIMENTO

# Fibra natural produz papel de arte e gera renda na Amazônia

Gisele Teixeira  
de Belém

Em um prédio do século XVIII, no centro antigo da cidade de Belém (PA), funciona desde o ano passado um núcleo de pesquisa e produção do primeiro papel feito inteiramente com fibras naturais da Amazônia. Lançado este ano, o Amazon Paper resulta de uma técnica oriental milenar, o washi, com a utilização de folhas, frutos, cascas e raízes brasileiros. A principal matéria-prima é o curauá (*Ananas erectifolius*), uma fibra rica em celulose e altamente resistente, que é misturada a insumos naturais, como fibras de coco e vassoura de açaí, e a corantes como os do urucum e da mangarataia.

Parte dessa pesquisa é financiada pela União Européia (UE) e a história de como esse papel pode resgatar a cidadania e gerar renda entre a população da Amazônia está relatada nesta segunda matéria da série publicada por este jornal.

O cultivo do curauá, a extração da fibra e a fabricação do papel envolvem a participação de pequenos produtores rurais, no contexto do Programa Pobreza e Meio Ambiente na Amazônia (Poema), desenvolvido pela Universidade do Pará, com o apoio da UE e de outros organismos nacionais e internacionais. Só este ano, o investimento no projeto foi de R\$ 200 mil. A comercialização cabe à Bolsa Amazônia, braço do Poema responsável pela promoção de produtos sustentáveis da Amazônia.

A iniciativa visa a encontrar alternativas não-madeireiras para indústrias, além de promover novos usos sustentáveis para os recursos

naturais, seguindo uma tendência de substituição de insumos sintéticos por naturais. Além, é claro, de gerar trabalho e renda para a comunidade. A colheita da fibra envolve cerca de 30 produtores da região nordeste e norte do Pará, segundo informa a coordenadora do Amazon Paper e secretária-geral do Bolsa Amazônia, Nazaré Imbiriba. Outros trabalhadores são beneficiados por meio do fornecimento dos pigmentos naturais e finalização dos trabalhos.

As comunidades rurais que fornecem o curauá recebem acompanhamento desde o cultivo até o processamento do produto, realizado em agroindústrias comunitárias, onde é transformado em fibras. As espécies utilizadas são cultivadas em sistemas agroflorestais ou consorciadas com outras espécies, recuperando solos já degradados.

A proposta do Amazon Paper, como destaca a coordenadora de produção do projeto, a arquiteta Daniela Fernandes, não é concorrer com a indústria tradicional de papel, mas ter um produto com identidade própria da Amazônia e nicho específico de mercado. Por ser feito artesanalmente, folha a folha, é classificado como "art paper".

Atualmente, profissionais que trabalham na restauração de documentos históricos, em peças de ar-

te, museus botânicos e decoração usam produtos similares importados. Mas o Amazon Paper já começa a ganhar espaço. A Cosac & Naif, por exemplo, uma das maiores editoras de livros de arte do País, já comprou o papel que vem da Amazônia. O produto também já foi exportado para Alemanha e deve ser matéria-prima para a impressão do próximo relatório ambiental anual da Daimler Chrysler.

A fábrica tem capacidade de produção de cinco mil folhas mensais de papel com área de 98 cm por 64 cm. Mas a produção atual ainda é pequena, em torno de 2,5 mil a 3 mil peças por mês. O papel é vendido em folhas (em torno de R\$ 10 a unidade, dependendo do volume) ou em produto final acabado - agendas, luminárias, biombo e artigos para escritório. A finalização desses artigos é realizada por mulheres da comunidade de Abaetetuba, a 55 km de Belém que, por enquanto, estão sendo treinadas e recebem uma bolsa de R\$ 50 mensais. "No futuro, a idéia é profissionalizar este relacionamento e comprar a produção direta delas", destaca Imbiriba.

Para chegar ao produto considerado final, conta Fernandes, a unidade gastou um ano adaptando as técnicas orientais às características das matérias-primas e da mão-de-obra regionais. "Touxemos espe-

cialista do Japão e também viajamos para aquele país. Depois de várias experiências e da criação de alguns equipamentos próprios, conseguimos finalmente chegar ao Amazon Paper, um papel que pode perfeitamente entrar no mercado internacional", diz a arquiteta.

Com o aumento da demanda, o principal desafio será dobrar a capacidade da unidade de desenvolvimento de papel, onde é feito o Amazon Paper, sem alterar as características artesanais. Hoje, a unidade emprega 14 pessoas.

A confecção do papel é um processo delicado. As fibras de curauá são selecionadas, cortadas, fervidas e depois batidas, gerando uma pasta. Esta pasta é colocada em tanques com água onde, por meio de movimentos alternados, a partir de uma tela, se transformam em folhas de papel. O produto, ainda molhado, é acondicionado em "camas" que, por sua vez, serão prensadas, de forma a retirar o excesso de água residual. Em sua última etapa de fabricação as folhas, ainda úmidas, são colocadas em secadores de onde, após algumas horas, estarão prontas para uso.

O projeto que resultou no Amazon Paper foi garantido pela parceria com a Deutsche Investitions- und Entwicklungsgesellschaft mbH (DEG), organismo do governo alemão que promove o conceito de PPP- Public/Private Partnership; Banco da Amazônia, governo do Pará, Agência Japonesa de Cooperação Internacional (JICA), Comissão Européia e Organização Holandesa Para a Cooperação e o Desenvolvimento (NOVIB).



AMAZON PAPER

Gm (Saneamento + Meio A.)  
30/01/2003 - p. 10  
189